

CIBERCULTURA: Como a Cultura Gaúcha é Compreendida na Rede Social Facebook¹

Jonathan Hackenhaar²

Governo do Estado do Rio Grande do Sul – SEDUC, Osório, RS - Brasil

Mariusawarpechowski³

Faculdade Cenecista de Osório - FACOS, Osório, RS – Brasil.

Resumo

Este artigo é o resultado de um estudo de como se desenvolve a questão cultural gaúcha dentro do ambiente online por meio da rede social Facebook. Com efeito, questionou-se: Como a cultura gaúcha é compreendida no âmbito online propiciado pela rede social? Nesse sentido, o objetivo do estudo foi compreender a forma como a cultura é construída e disseminada nas redes sociais, de forma a expor ao leitor como esta construção é gerada e como esta é representada no meio virtual. Dessa forma, o estudo ocorreu por meio de uma Análise de Conteúdo, que dá subsídios para que através da pesquisa seja possível compreender como as representações sobre a cultura acontecem neste ambiente.

Palavras-chave: Cultura Gaúcha, Rede Social, Facebook, Representação, Gaúcho.

Introdução

A sociedade está em plena informatização de seus processos, visto que as atividades passaram a ser feitas com algum aporte tecnológico provido por algum recurso. Doravante, os processos culturais também sofreram modificações e atualmente se dão de diferentes formas.

A partir desse panorama, o qual aponta para a incorporação tecnológica e informatizada nas formas de manifestar e reconstruir as culturas dos povos se faz a

1 Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Educação e Cibercultura, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

2 . Pós-graduado em História RS pela FURG - Universidade do Rio Grande e professor do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: jonathanhackenhaar@yahoo.com.br.

3 Mestre em Ciência da Computação pela UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professora do curso de Licenciatura em Informática da Faculdade Cenecista de Osório - FACOS. E-mail: mariusaw@gmail.com.

seguinte questão: “Como se dá a construção das representações em torno da cultura gaúcha no meio virtual?”. Assim, este trabalho teve por objetivo compreender a representação da identidade cultural gaúcha por meio de uma comunidade virtual no Facebook levando em consideração o espaço de tempo compreendido no período de fevereiro de 2013 à fevereiro de 2014 no contexto da rede online. Neste período procurou-se entender, como a cultura gaúcha é vista e difundida na rede social.

Esse estudo é fruto da união de duas áreas: a Informática e a História. A conexão entre estas duas áreas é importante, pois se acredita que é importante interligar as áreas do conhecimento, sendo que, com os recursos tecnológicos cada vez mais avançados, esta tarefa torna-se mais fácil e dinâmica.

Além disso, o trabalho é pertinente na medida em que o contexto digital atual fundamentou o surgimento de uma nova sociedade, chamada de sociedade da informação. De acordo com Lévy (1999) o virtual compreende uma mudança de identidade e um deslocamento de espaço de um objeto, de ser e estar presente em um determinado local para o ser e estar em muitos lugares ao mesmo tempo, instigando a “desterritorialização”. Isto faz com que não seja necessário um único local onde as trocas de informações, culturais, e outras, possam acontecer.

De acordo com a situação atual que a cultura que é vivenciada por nós, encontra-se e em consonância com o estreitamento digital que a rede social causa a quem utiliza, opta-se como instrumento metodológico a Análise de Conteúdo. Moraes (1999) define a Análise de Conteúdo como a maneira com a qual embasamos uma pesquisa através da experiência sobre a visão de documentos, acervos, em determinada temática sob um recorte delimitado pela pesquisa.

A Cultura Gaúcha

Ao procurar o verbete cultura no dicionário Aurélio da Língua portuguesa, é possível verificar que cultura se constitui em ato, efeito ou modo de cultura, desenvolvimento intelectual, saber, sistema de atitudes e modos de agir, costumes e instruções de um novo conhecimento geral. Geertz (2008) traz ideias a cerca do que representa cultura:

(...) quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como um complexo de padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, feixes de hábitos - como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções

(o que os engenheiros de computação chamam “programas”) - para governar o comportamento. A segunda idéia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. (GEERTZ, 2008, P.33).

Desta forma, temos que cultura está para além de um complexo que inclui o conhecimento, a arte, a crença, o costume, inserindo, assim, todos os hábitos adquiridos pelos homens, não somente os que são transmitidos pela família, mas, também, aqueles que surgem através do convívio em sociedade. Geertz (2008) aponta que esse complexo torna-se fundamental na sistematização da vida dos sujeitos, o que gera determinado ordenamento social. Ainda sobre esse conceito, Chauí (2008) traz um significado antropológico sobre o que é cultura:

Vinda do verbo latino colere, na origem cultura significa o cultivo, o cuidado. Inicialmente, era o cultivo e o cuidado com a terra, donde agricultura, com as crianças, donde puericultura, e com os deuses e o sagrado, donde culto. Como cultivo, a cultura era concebida como uma ação que conduz à plena realização das potencialidades de alguma coisa ou de alguém; era fazer brotar, frutificar, florescer e cobrir de benefícios. (CHAUI, 2008, P. 53.)

O que a autora fala é interessante, sendo essa, uma abordagem contextualizada e que exerce um efeito visível sobre o que compreendemos como cultura hoje em dia. Pois são cultuados (e cultivados) hábitos e tradições que foram inerentes ao nosso desenvolvimento como sujeitos dentro da cultura gaúcha, que de certa forma está sofrendo inferências devido a utilização dos recursos tecnológicos pelos agentes culturais. Em suma, para que se tenha uma cultura, torna-se necessário um agente, que, neste caso, é representado pelo sujeito gaúcho, que foi construído e efetivado através da exploração do pampa, tendo como elemento fundamental o couro bovino. Todas as características sociais que estavam imbuídas na lida do gado introduziram esse habitante e tornaram-se a marca desses humanos que habitavam a região do Sul do país (GONÇALVES, 2013). Cabe reforçar que de acordo com Gonçalves (2013), durante toda a trajetória do interesse em penetrar nas regiões a criação de gado, o gaúcho se constituiu quando a Colônia do Sacramento foi fundada, o que instigou o comércio do couro, fazendo com que a figura do gaúcho se constituísse de fato, nesta região. Por meio do convívio social no Estado do Rio Grande do Sul resulta a pluralidade cultural, uma vez que foram herdados traços e hábitos dos indígenas que habitavam as terras dos pampas, como também dos imigrantes que vieram para

América e repassaram os seus hábitos e costumes. Na globalização desses hábitos e costumes transmitidos ao povo do Sul, Canclini (2003) disserta sobre o conceito de cultura como algo que abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo.

Dessa forma a cultura pode ser considerada como um instrumento de consumo, pois além de consumir a própria cultura e estar imersos à ela, usando-a para a efetivação das relações e consumir os produtos gerados pela mesma como informações, hábitos e tradições, ou seja, dentro do pressuposto de produção que tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo e que depende de um conhecimento da tradição enquanto o mesmo em mutação e de um conjunto efetivo de generalização (HALL, 2003).

Dentro do Estado do Rio Grande do Sul, a cultura se constitui de uma mistura de culturas que aos poucos foi se organizando e dando uma característica própria à cultura gaúcha, tornando-a uma produção cultural, produto de todas as etnias que habitavam o Estado.

Assim, a cultura gaúcha atual sofre inferências e se faz presente nos contextos vivenciados pelos gaúchos nas escolas, famílias, CTGs, etc. Estes aspectos culturais foram considerados na constituição da sociedade, com toda a herança destes hábitos e tradições que resultam na representação do gaúcho que se tem na atualidade. Ao buscar compreender como essas inferências são representadas no espaço virtual, bem como, entender como a imagem do gaúcho é representada nesse espaço adentra-se a análise acerca da compreensão da cultura gaúcha na rede social Facebook.

Análise nas Redes Sociais

O Facebook é uma rede social lançada em 2004 e fundada por Mark Zuckerberg, estudante da Universidade Harvard. Inicialmente, a adesão ao Facebook era restrita apenas aos estudantes da Universidade Harvard, mas logo foi a muitas universidades individuais⁴.

A rede social possui várias ferramentas, uma delas é o mural, que é um espaço na página de perfil do usuário que permite aos amigos postarem mensagens. Este mural é visível para qualquer pessoa com permissão de ver o perfil completo, e

⁴ Informações oriundas do site do Facebook, disponíveis em: <http://www.facebook.com.br>, acessado em 27/01/2014.

postagens diferentes no mural aparecem separadas no "Feed de Notícias", que é um espaço onde as informações postadas pelos usuários ficam expostas seguindo a ordem cronológica da mais recente para a mais antiga.

Quando se efetua uma pesquisa no Facebook, por exemplo, procurando por cultura gaúcha, temos vários resultados de páginas e comunidades que discutem sobre esta temática, fornecendo os subsídios para a formação do corpo empírico da pesquisa. Nesses espaços, retratam-se as lendas gaúchas, hábitos e tradições que o povo mantém passando de geração em geração e reconstruindo-se. Nesse sentido, optou-se por analisar uma comunidade virtual do Facebook, levando em consideração alguns aspectos como o número de seguidores e se a comunidade segue as regras desta rede social em relação às questões ligadas ao conteúdo, promoção de eventos e políticas de bom comportamento.

Para desenvolver a investigação utilizou-se a metodologia da Análise de Conteúdo, que nas palavras de Moraes (1999),

pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (MORAES, 1999, P. 7).

Baseado no aporte teórico, esta foi a metodologia de pesquisa elencada para interpretar o conteúdo de documentos e textos encontrados na comunidade virtual do Facebook. A comunidade virtual do Facebook escolhida para o desenvolvimento do trabalho chama-se Cultura Gaúcha. Esta comunidade tem como descrição a seguinte frase: “Dedica a divulgar nossas tradições com atualidades, história, eventos, artistas, curiosidades e tudo que se relaciona com a Cultura Gaúcha”.

Na etapa de escolha das postagens, levando em conta os critérios (1- postagem que foi mais curtida; 2- postagem que foi mais comentada e 3- postagem que foi mais compartilhada) foram selecionadas cinco postagens. Estas postagens foram usadas para dar forma e corpo a esta pesquisa, são elas: 1- Completa-se 31 anos do falecimento do trovador e músico Leovegildo José de Freitas, mais conhecido como Gildo de Freitas; 2- Verso: Segue o ciclo da existência; 3- As belezas do Cânion Fortaleza e o fenômeno da Viração foram destaques na reportagem exibida no

programa Teledomingo; 4- Post sobre General Osório; 5- Post sobre o público gay nos CTGs (Centro de Tradições Gaúchas).

Ao investigar o conteúdo da referida comunidade, percebe-se várias formas de representação acerca dos costumes e tradições por meio de imagens que retratam datas consideradas importantes na cultura gaúcha. A exemplo, aponta-se através da Figura 1, o banner alusivo ao programa do cantor Teixeira.



Figura 1 – Um membro da comunidade posta foto do cantor Teixeira e os usuários fazem comentários sobre a postagem.

Desta maneira, as pessoas acabam contribuindo com opiniões, achados, imagens, pois o Facebook permite que esse dinamismo seja possível, sendo assim as contribuições são facilmente suportadas pela rede, como links, imagens, comentários e compartilhamento de informações.

Nas palavras de Durayski (2013) o hábito de sorver o chimarrão representa uma grande importância cultural, social e também econômica para o Rio Grande do Sul, uma vez que se tornou um dos símbolos mais relevantes do estado. Na rede social Facebook diariamente são postadas muitas imagens que tem o “mate”, como o chimarrão é chamado pelos gaúchos, como atração principal, em diversos locais: em casas de família, no trabalho, nos parques e em outros locais, como pode ser visto na Figura 2. O hábito de tomar chimarrão faz parte da cultura do Rio Grande do Sul. Por esse ângulo, Nummer (2008) define cultura como:

As diferentes formas com que os grupos humanos organizam a vida social, utilizam e transformam os elementos do meio ambiente, como percebem e manifestam suas relações com os objetos e com outras pessoas. Dito isso de outra forma, a cultura representa as variedades de modos de vida e seus processos de transformação envolvendo aspectos materiais e imateriais, palpáveis e impalpáveis de todas as concepções e práticas da vida social (NUMMER, 2008 apud ROSA, 2008).



Figura 2 – Imagem que retrata o valor que o gaúcho dá ao chimarrão.

Embasado no que a referida autora fala, o chimarrão, assim visto, recria um sentimento de propósito de vida, consoante o conceito proposto por Belk et al. (1989) de que as pessoas se estendem por meio dos objetos. O chimarrão, ademais, nesse contexto, passa a ser um companheiro que assume um papel de personificação, porque simboliza uma “pessoa”. De acordo com Belk (2010), as posses são componentes importantes no sentido do *self*, visto que os consumidores individuais se entendem por meio dos objetos.

Os atos de autenticidade foram percebidos no fato dos consumidores personalizarem seu chimarrão, tornando-o o mais autêntico e pessoal possível, o que atesta um sentimento de querer mudar, de fazer do próprio jeito. Embora a erva-mate seja uma mercadoria produzida em massa, há um interesse em personalizar, em criar “o próprio chimarrão” e, com isso, trazer uma ideia de individualização, de produto único (DURAYSKI, 2013).

Partindo desses conceitos, pôde-se inferir que o consumo do chimarrão reflete a identidade dos gaúchos, resgatando uma das abordagens apresentadas pelos autores Arnould e Thompson (2005), aquela que se refere aos projetos de identidade do consumidor, o chimarrão identifica e marca a cultura gaúcha nos sujeitos que a compõem, atrelados ao âmbito digital que os recursos tecnológicos propiciam.

A cultura gaúcha está sendo veiculada no meio digital, em consonância com a evolução tecnológica que vivenciamos na atualidade. O mais interessante é que dessa maneira, as pessoas que se identificam tem uma maneira muito mais flexível para fazer suas contribuições e trocar informações com os demais integrantes. Inicialmente é perceptível verificar que igualmente em uma forma convencional de viver uma cultura (referindo-se ao fato de viver em uma cultura sem recursos tecnológicos) a cultura no âmbito da rede virtual possui os mesmos elementos, como a diferença de temáticas e os choques enfrentados pelas diferenças culturais, o que leva a pensar que a diferença em tese entre os dois modos de cultura, aparentemente centra-se na existência do recurso tecnológico.

A primeira postagem selecionada, ver Figura 3, é a que fala sobre os 31 anos de morte de Gildo de Freitas, que tem como chamada o seguinte fragmento: “Nesta quarta-feira, 04 de dezembro, o Rio Grande do Sul lembra a morte de dois ícones da música regionalista. Completa-se 31 anos do falecimento do trovador e músico Leovegildo José de Freitas, mais conhecido como Gildo de Freitas. Também completa-se 28 anos da morte do cantor e compositor Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirinha. É em homenagem aos dois que a lei estadual 8.814, de 10 de janeiro de 1989, tornou essa data o Dia do Poeta Repentista Gaúcho e do Artista Regional Gaúcho.”



Figura 3 - Postagem sobre os 31 anos do falecimento de Gildo de Freitas.

A segunda postagem selecionada e analisada foi sobre Versos, ver Figura 4. O usuário da comunidade postou alguns versos juntamente com gravuras que ilustram os mesmos e outros usuários que se identificaram com o assunto fizeram comentários sobre o verso.



Figura 4- Postagem de versos gauchescos na comunidade

Os versos falam sobre os ciclos de existência, comparando ao início e fim de um ano, época na qual o mesmo foi postado, o que demonstra uma conexão das datas

comemorativas aliadas as datas especiais que são lembradas por atos culturais, como o 20 de setembro, por exemplo.

As belezas do Cânion Fortaleza e o fenômeno da Viração foram os assuntos da terceira postagem escolhida. Esta postagem fala sobre Cambará do Sul, em uma reportagem que foi exibida na televisão retratando os canyons e as belezas da cidade. Novamente, os membros da comunidade que se identificaram, curtiram e fizeram comentários.

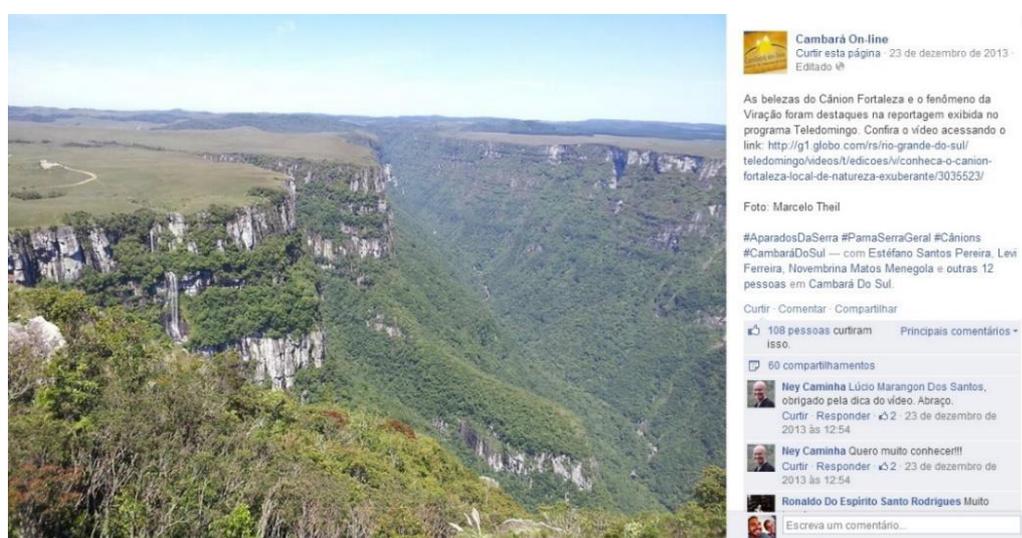


Figura 5 - Imagem de Cambará do Sul usada para postagem na comunidade.

A quarta postagem discorre sobre o General Osório, como mostra a Figura 6. Esta postagem mostra que o tradicionalismo por diversas vezes causa inferências dentro de nossa cultura, fazendo uma comparação ousada, são como “deuses egípcios”, que tiveram suas histórias e seus legados contados e recontados ao longo do tempo.



Figura 6- Postagem lembrando o legado do General Osório.

A quinta e última postagem fala sobre a presença do público gay em Centros de Tradições Gaúchas (CTG). A Figura 7 mostra a postagem, bem como a imagem de um informe do Jornal Zero Hora e alguns comentários. A chamada da postagem diz o seguinte:

Só quem é cego não vê que as invernadas de Danças Tradicionais estão repletas de gays e acredito que se fossem tão mal recebidos não estariam tão participativos assim. No CTG se respeita e também se tem que ser respeitado, lembrando que o CTG é uma entidade privada, assim como MTG é. Assim como um clube que exige sapatos para seu baile. Em um baile funk não se espera que os frequentadores venham pilchados, também no CTG não se espera bombacha rosa. Alguem já casou na igreja de bermudas? acredito que não. Alguem já foi a formatura de seus filhos vestido com aquela roupa que adora passar o dia no sofá vendo TV? Se há intolerância, deve-se primeiro ver o tipo de "intolerância" que está sendo retratado. Ter suas normas não é intolerância, pois todo ambiente privado tem, discriminar ou hostilizar sim, isso é intolerância. (trecho extraído do post disponível em [https://www.facebook.com/culturagaucha?fref=ts.](https://www.facebook.com/culturagaucha?fref=ts))

Ao avaliar esta postagem, que fora a mais comentada durante o período da pesquisa, um aspecto que fica ressaltado é a questão de troca de opiniões e o choque cultural que os gêneros sexuais carregam dentro de si e dentro da cultura gaúcha. Um exemplo bem claro desta discussão e aceitação de opiniões divergentes dentro do ambiente online é o que a Figura 7 mostra através dos comentários.



Gays no CTG
Os Centros de Tradição Gaúcha ainda são ambientes "intolerantes" com homossexuais, na avaliação do artista visual Sandro Ka, coordenador-geral da organização Somos – Comunicação, Saúde e Sexualidade. Ele afirma que muitos gays participam de atividades ligadas à cultura regionalista, mas não revelam sua orientação por medo do preconceito e do machismo. Manoelito Savaris, presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho, nega que os CTGs sejam intolerantes. Segundo ele, espera-se, no entanto, que, "no interior dos galpões, cada um se porte segundo seu gênero". E acrescenta: "Na vida privada, cada um escolhe como faz".

Boa ideia

Cultura Gaúcha
Curtiu · 11 de fevereiro

Gays no CTG Zero hora? Ainda bem q o entrevistado é mais esclarecido q o colunista.

As vezes tenho a impressão q alguns da imprensa tentam "desmascarar" o tradicionalismo, como se usássemos mascaras.

Só quem é cego não vê que as invernadas de Danças Tradicionais estão repletas de gays e acredito que se fossem tão mal recebidos nao estariam tão participativos assim.

No CTG se respeita e também se tem que ser respeitado, lembrando que o CTG é uma entidade privada, assim como MTG é. Assim como um clube que exige sapatos para seu baile.

Em um baile funk não se espera que os frequentadores venham pilchados, também no CTG nao se espera bombacha rosa. Alguem ja casou na igreja de bermudas? acredito q nao. Alguem ja foi a formatura de seus filhos vestido com aquela roupa que adora passar o dia no sofá vendo TV?

Se há intolerância, deve-se primeiro ver o tipo de "intolerância" que está sendo retratado. Ter suas normas não é intolerância, pois todo ambiente privado tem regras e normas. Não é intolerância.

Escreva um comentário...

Luiz Carlos Espindola Bha, que baita discriminação dessa reportagem, ainda bem que o sr. Savaris deu um relhaço nas pretensões do entrevistador pois no CTG se respeita raça, credo e opções sexuais desde que a casa do gaúcho também seja respeitada. Parabéns!!!
Curtir · Responder · 33 · 11 de fevereiro às 10:11

Jeandro Garcia Falta analisar q o CTG tem uma função básica, cultivar as nossas tradições... e ponto! e na nossa cultura não há referencias para algumas coisas consideradas normais hj na sociedade, como a dança da bundinha.
Vivemos de um presente q nunca morre, onde ... Ver mais
Curtir · Responder · 12 · 11 de fevereiro às 13:32 · Editado

Lucas Massaia mas tem muito babaca falando merda,, quer então que libere um gay ir de saia pro CTG ?? acho que cada um tem uma cultura e deve ser respeitada e nisso participa quem gosta e quem gosta usa pilcha.
Curtir · Responder · 4 · 11 de fevereiro às 11:34

Everton Scherer com toda a certeza , cada entidade tem um respeito enorme por seus participantes , e fora dos galpões cada um sabe oque faz da sua vida , qualquer um pode cultivar nossa tradição e ter mor por ela , independente de raça , cor , ou orientação sexual .
Curtir · Responder · 5 · 11 de fevereiro às 13:32

Marcello Martinelli Não concordo revejam essa materia...
Curtir · Responder · 1 · 11 de fevereiro às 14:39

Fernando Alma Gaudéria moeu
Curtir · Responder · 1 · 11 de fevereiro às 10:03

Tulio Gnoatto Grison Viu Alex Danelli ta tranquilo skdbfjkaDF
Curtir · Responder · 12 de fevereiro às 18:04

Figura 7- A postagem sobre a presença de gays no CTG.

A análise das postagens apresentaram alguns aspectos importantes. Um dos aspectos que chama a atenção é a repetição de comportamento que ocorre tanto nas relações reais⁵ quanto nas virtuais. Esses comportamentos, como por exemplo, opinião, discussão, troca de ideias e defesa de ponto de vista e de valores, são repetidos e veiculados no meio virtual e no meio real, mas com a diferença do meio digital que oferece ferramentas para que as pessoas possam se comunicar dentro da comunidade.

⁵ Relações que ocorrem sem mediação de recursos tecnológicos.

De acordo com a análise do conteúdo das postagens e das temáticas que estas abordam dentro da comunidade é como se uma representação da cultura vivenciada na realidade fosse reproduzida dentro do ambiente proporcionado pela rede social. Se baseando nesta ideia, Chartier (1991) dizer que:

as acepções correspondentes à palavra "representação" atestam duas famílias de sentido aparentemente contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é. (CHARTIER, 1991, P.184)

Ou seja, esta reposição de memórias, pode ser traduzida no ato de reprodução e reposição dos hábitos culturais do real no virtual, o que simboliza a rede social como uma espécie de repositório cultural. A diferença que devido a velocidade e amplitude que a rede tem, estes hábitos e a cultura em si reproduzida pode alcançar pessoas e lugares ao redor do mundo em questão de segundos.

Chartier (1991) dá aporte teórico para que possa ser feito mais um apontamento na avaliação da representação da cultura gaúcha no âmbito digital, que é a questão da identidade, ou seja, se temos uma cultura precisa-se de um agente, que no caso é o gaúcho, e este tem uma identidade que está atrelada aos laços culturais e se desenvolve a partir destes.

A construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade. Ao trabalhar sobre as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto a hierarquização da própria estrutura social, a história cultural separa-se sem dúvida de uma dependência demasiadamente estrita de uma história social dedicada exclusivamente ao estudo das lutas econômicas, porém opera um retorno hábil também sobre o social, pois centra a atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ser-percebido constitutivo de sua identidade. (CHARTIER, 1991, P. 183)

Assim, a cultura é representada, mantém sua essência e abriga a sua identidade, da mesma forma que acontece no real, é feita esta transposição que no âmbito virtual permite que a identidade seja também reproduzida.

Considerações Finais

A motivação da pesquisa que fomentou o trabalho partiu do questionamento sobre como a cultura gaúcha é compreendida no âmbito virtual, que neste caso foi representado pelo Facebook, e de fato é possível com base nas análises chegar a algumas considerações.

A cultura que o gaúcho vivencia atualmente é fruto de um longo processo de construção e formação que deu origem ao gaúcho atual que vive na atualidade. O advento da internet possibilitou novas maneiras de comunicação e troca de informações, a cultura gaúcha sofreu inferências e sofreu um processo de transposição para o meio virtual.

Na comunidade virtual as pessoas que fazem parte estão lá por interesse no assunto que esta aborda, assim como nós apoiamos determinados times de futebol ou temos preferências por determinados assuntos, etc. Isso faz parte da nossa cultura e é refletido dentro do ambiente virtual, ou seja, a cultura foi transposta do real para o virtual. Com os recursos que o Facebook oferece como *upload* de vídeos e imagens aliados a texto e possibilidade de inserção de comentários, os usuários podem interagir assim como podem interagir conversando em uma roda de amigos ou em um grupo dentro de um CTG, o que reforça mais a ideia de que a cultura foi implementada dentro da realidade virtual.

Desta forma pode-se dizer que tanto objetivos como problema de pesquisa foram respondidos, a compreensão no meio virtual ocorre em forma de transposição da cultura, ela ocorre da mesma forma como no real, porém no virtual, assim como temos a modalidade de ensino presencial e EAD (Educação a Distância) que tem a mesma finalidade mas usa caminhos e articulações diferentes para chegar ao destino final, que é aprendizagem do aluno. A contribuição deste estudo para a área são as inferências das tecnologias da informação na cultura gaúcha, o que é (será) afetado, o que pode (rá) ser modificado e o impacto na imagem do gaúcho defronte às tecnologias.

Referências

BELK, R. W. Sharing. **Journal of Consumer Research**, Gainesville, Fla., v. 36, p. 715-734, Feb. 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Unidade e diversidade nação e região. Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro, 2003.

CHARTIER, Roger. **O mundo como uma representação**. Estudos Avançados v.5, n. 11, São Paulo – SP, 1991 - Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141991000100010&script=sci_arttext. Acessado em: 16/02/2014.

DURAYSKI, Juliana. **“Tomas um mate?”: uma análise da cultura de consumo do chimarrão em um contexto urbano**. – São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000007/0000071C.pdf>. Acessado em 23/02/2014.

FACEBOOK, **Comunidade Cultura Gaúcha**, disponível em <https://www.facebook.com/culturagaucha?fref=ts>. Acessado em 20/08/2013.

GONÇALVES, Weiss Jussemar. **A formação do gaúcho gaúcho**. Disponível em: <http://www.uab.furg.br/mod/resource/view.php?id=20772>. Acessado em 27/01/2014 .

HALL, Stuart. **A questão da Identidade Cultural**. São Paulo: DP&A, 2003.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**; tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo – SP Ed. 34, 1999.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html.

NUMMER, F. V. **O patrimônio imaterial do chimarrão**. O chá da amizade. Venâncio Aires, RS: NUCVA, 2008. 1 DVD.

RONSINI, Veneza Mayora. **Entre a capela e a caixa de abelhas: a identidade cultural de gringos e gaúchos**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.